

ID: 121529017

12-02-2026

PAÍS
POSSÍVEL

Uma derrota é uma derrota



POR

**Maria de Lurdes
Rodrigues**

Professora universitária

Na segunda volta das eleições presidenciais o candidato do Chega foi derrotado. E uma derrota, por mais que tentem reinterpretá-la, é exatamente isso: uma derrota. Há três sinais deste desfecho: o candidato do Chega tinha como objetivo alcançar os dois milhões de votos e ficou aquém; tinha a pretensão de liderar a Direita, mas a maioria do eleitorado de Direita afirmou que rejeitava as ideias da extrema-direita; ambicionava ser a voz do povo contra as elites, mas a maioria do povo rejeitou o candidato e as suas propostas.

Há quem argumente que o candidato do Chega, apesar de não ter sido eleito presidente, ganhou porque aumentou o número de votos em relação à primeira volta e às últimas elei-

ções legislativas. O aumento de votos da primeira para a segunda volta não traduz um crescimento do Chega. É, em parte, o resultado do voto útil e do voto de rejeição, tal como aconteceu com o candidato ganhador, que também beneficiou do mesmo fenómeno. Numa eleição a duas voltas, o que vale para um candidato, o voto útil e a rejeição, vale para o outro. Para avaliar a evolução do peso relativo do Chega nestas eleições presidenciais, a comparação relevante é com os resultados da primeira volta. Nessa comparação, o candidato do Chega alcançou 23%, o mesmo resultado obtido nas legislativas, e perdeu eleitores em número significativo. E esta é mesmo a única comparação legítima, pois o Chega foi o único partido que candidatou o seu líder a eleições presidenciais.

O que estas eleições revelam, acima de tudo, é que não existe uma tendência inevitável de crescimento do Chega. Revelam também algo mais importante: há um espaço político

vasto ao centro, um espaço onde a maioria dos portugueses procura refúgio das polarizações e das radicalizações. Há momentos em que as clivagens Esquerda-Direita são decisivas. Mas noutros, o país exige consensos amplos, estabilidade, moderação. Ou seja, o encontro ao centro.

Por isso, é um erro político estratégico que partidos de centro-direita, como o PSD, se deixem enredar na agenda radical do Chega. Ao abandonar a negociação com o centro-esquerda e minorizar a busca de compromissos neste campo, o PSD arrisca perder precisamente o eleitorado que aspira à moderação. O PS e o PSD têm aliados naturais nos campos da Esquerda e da Direita democráticas, mas não têm inimigos no centro comum.

No passado subestimou-se vezes demais o crescimento do Chega. Hoje, importa não repetir o erro simétrico e deixarmos levar pelo falso discurso de vitória do seu candidato derrotado.

No passado subestimou-se vezes demais o crescimento do Chega. Hoje, importa não repetir o erro simétrico e deixarmos levar pelo falso discurso de vitória do seu candidato derrotado.